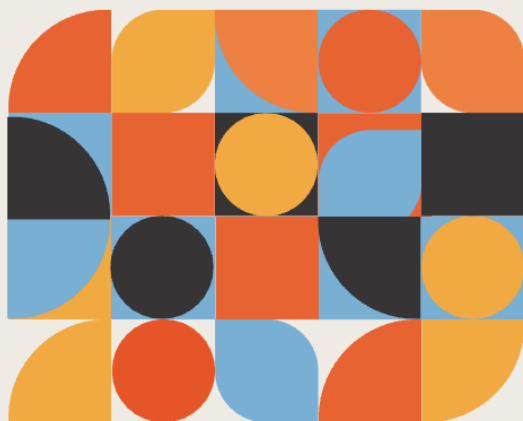




A ESCOLA PROFISSIONAL FEMININA DE FLORIANÓPOLIS NAS PÁGINAS DOS JORNAIS LOCAIS.

The Florianópolis Professional Women's School in the pages of local newspapers.

Monteiro, Beatriz Silveira; Graduanda; Universidade do Estado de Santa Catarina,
beatriz.monteiro@edu.udesc.br.¹
Sant'Anna, Mara Rúbia; Coordenadora de IC; Universidade do Estado de Santa Catarina,
mara.santanna@udesc.br.²

Grupo de Pesquisa Moda, Artes, Ensino e Sociedade.

Resumo: Estudo sobre a Escola Profissional Feminina de Florianópolis a partir de matérias jornalísticas, publicadas entre os anos de 1935 e 1975, pelos periódicos O Estado e A Gazeta. O texto analisa as narrativas criadas sobre a EPF pelos veículos de comunicação, em busca de identificar os sentidos constituídos, eufóricos ou disfóricos, sobre o ensino profissionalizante para mulheres.

Palavras-chave: Escola Profissional Feminina; Ensino; Imprensa; Narrativas Jornalísticas; Florianópolis.

Abstract: Study on the Women's Professional School of Florianópolis based on journalistic articles published between 1935 and 1980 by the newspapers O Estado and A Gazeta. The text analyzes the narratives created about the EPF by the media, in an attempt to identify the constituted meanings, euphoric or dysphoric, regarding vocational education for women.

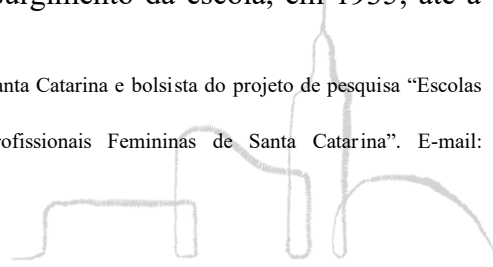
Keywords: Professional Women's School; Education; Press; Journalistic Narratives; Florianópolis.

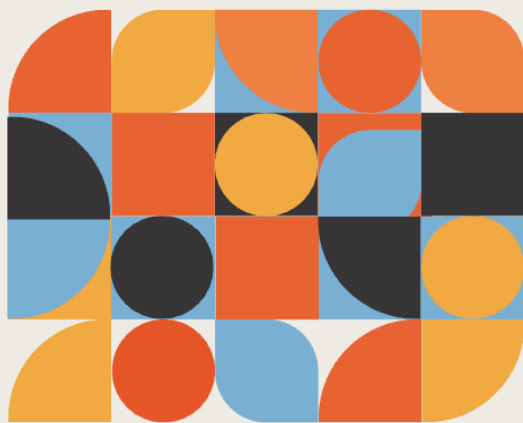
1. Introdução

Em 1935 foi fundada em Florianópolis a Escola Profissional Feminina, que ganhou o nome de Escola Profissional Feminina Dr. Jorge Lacerda após algumas décadas e se dedicou ao ensino e formação de mulheres da capital. Neste estudo temos como objetivo debater questões acerca do ensino profissionalizante feminino catarinense, tendo como foco a Escola Profissional Feminina de Florianópolis (EPFF). O debate centra-se na análise de como os jornais criaram narrativas sobre essa instituição. Catalogar as notícias por meio do acervo digital da Biblioteca Pública de Santa Catarina, acompanhando desde o surgimento da escola, em 1935, até a

¹ Beatriz Silveira Monteiro, graduanda do curso de Licenciatura em História na Universidade do Estado de Santa Catarina e bolsista do projeto de pesquisa "Escolas Profissionais Femininas de Santa Catarina". E-mail: beatriz.monteiro@edu.udesc.br.

² Mara Rúbia Sant'Anna, orientadora de IC e coordenadora do projeto de pesquisa "Escolas Profissionais Femininas de Santa Catarina". E-mail: mara.santanna@udesc.br.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

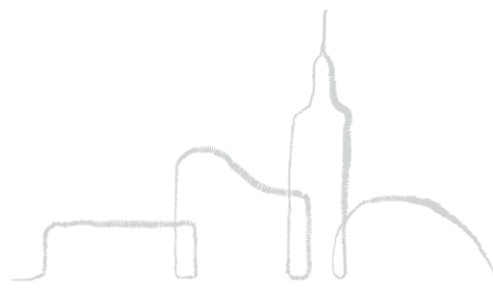
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

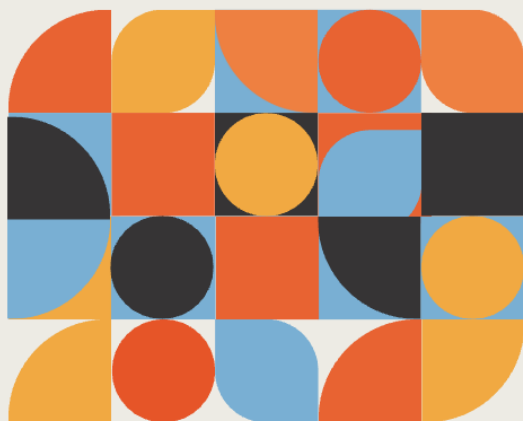
década de 1970, época em que começou a ser menos prestigiada, permitiu às pesquisadoras averiguarem um processo denso de narrativas a respeito da EPFF que oscilou entre a euforia e a disforia, como José Luiz Fiorin (1990) definiu a polaridade das discursividades na composição literária.

A historiografia brasileira tem explorado com qualidade as fontes jornalísticas desde seu começo e autores relevantes já indicaram caminhos metodológicos seguros para trilhar esses rastros de outras épocas, como Tania de Luca (2024), entre outros. Logo, cientes da relevância desse recurso para a formação de opinião junto à população em geral e por isso fonte inesgotável de expansão de conhecimento histórico sobre aquele período, as páginas jornalísticas continuam tendo grande importância para os dias atuais como vestígios de uma história pouco contada. Ao levantar cada notícia ou matéria nos jornais locais, aproveitamos os meandros de discursos, notícias, entrevistas e até crônicas para perceber como o ensino profissionalizante e como as mulheres que compunham a escola foram tendo seus sentidos alternados e polarizados ao longo de 45 anos de existência da EPFF.

A discussão deste estudo se baseou, inicialmente, na seguinte questão: De que maneira os jornais compuseram narrativas sobre a Escola Profissional Feminina da capital e como essas representações podem ser interpretadas, levando em conta que nenhuma discursividade é desprovida de juízo de valor? Para respondê-la, primeiramente, foi operada a busca no site da Hemeroteca Catarinense pela ferramenta disponível utilizando os termos Escola Profissional Feminina. Essa busca gerou poucos resultados, por isso foi necessário fazer nova abordagem ao acervo. Assim foi definida outra metodologia de busca, verificando ano a ano, página por página, a existência de notícias sobre a EPFF nos meses de fevereiro, julho e dezembro. Esse recorte temporal contornou a grande quantidade de anos a serem pesquisados e enfatizou a pesquisa nos meses em que, na etapa anterior, havia mais notícias, bem como, devido ao caráter escolar da instituição, limitou a busca aos meses em que havia matrículas abertas, finalização de cursos e as famosas exposições das alunas, como encontrado em outros jornais e depoimentos sobre as demais EPF catarinenses, estudadas em etapa anterior da mesma pesquisa. Desta maneira, a pesquisa em fonte histórica primária resultou em um acervo de 144 materiais encontrados nos dois jornais catarinenses.

2. As mulheres nas páginas dos jornais catarinenses





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

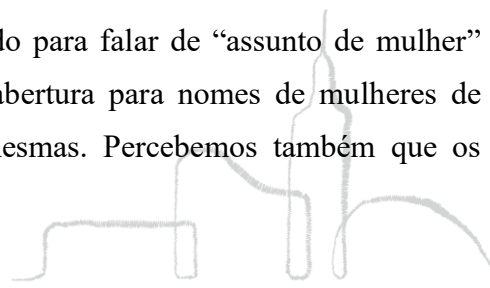
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

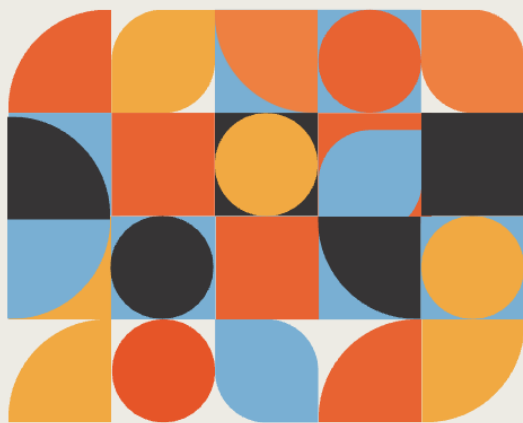
A história da educação profissional feminina em Santa Catarina, sobretudo em Florianópolis, permanece marcada por grandes lacunas. Em 1965, o decreto de lei n 3.676 listava 32 EPF's em Santa Catarina, sendo duas localizadas em Florianópolis, uma na parte central e outro no continente, no bairro Estreito. Apesar de haver registros sobre a Escola Profissional Femina da capital, a ausência de documentações oficiais traz uma grande dificuldade para uma historiografia precisa e ampla, e principalmente, impede a compreensão aprofundada de como era o ensino, a valorização e reconhecimento das mulheres que participavam desta formação profissional.

Diante das lacunas documentais, se ater aos jornais foi uma maneira de encaminhar a pesquisa na composição de uma narrativa histórica e crítica sobre a instituição e suas autoras. Esse tipo de fonte pode ser entendido como mediadora para identificar as percepções existentes naquele período sobre o tema e ponderar tais percepções a partir dos contextos nos quais os autores estavam inseridos. No entanto, é necessário levar em consideração que a imprensa “seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”, como afirmado por Tania de Luca (2024, p. 138).

Inicialmente é necessário apresentar os dois jornais pesquisados. O Jornal O Estado foi fundado em Florianópolis pelos jornalistas Henrique Rupp Júnior e Ulisses Costa, inicialmente como um jornal diário que circulou de 1915 a 2008. O jornal A Gazeta, por sua vez, foi criado em 1934 por Jairo Callado e circulou até 1987. Sobre o espaço destinado ao público feminino no jornal O Estado, Sant'Anna (2005) destaca que os assuntos “femininos” tinham um espaço a parte. Em 1951, é criada no jornal a coluna dominical intitulada “De toda a metrópole para a mulher catarinense” onde havia anúncios de produtos ligados a beleza, à casa e à vestimenta feminina, além de dicas com cuidados com bebês e receitas culinárias. De acordo com Sant'Anna (2005), a coluna dominical ocupava duas páginas inteiras, o que foi diminuindo com o tempo até desaparecer em 1953. O que surge após é a coluna “O Estado – no lar e na sociedade”, que reunia parte da coluna social geral, receitas culinárias, poesias, crônicas românticas e, em algumas edições, croquis de moda, que permanece dessa forma até 1955. Já em 1960, o jornal abre espaço para a coluna “Só para ela”, que se propunha a descrever, elogiar e destacar figuras femininas ou ligadas ao meio feminino, porém durou menos de um ano.

Percebe-se então, que o espaço disponível nos jornais do período para falar de “assunto de mulher” variava pouco: da saúde feminina à moda, fofoca e maquiagem, sem abertura para nomes de mulheres de prestígio em outras áreas ou para o ensino e profissionalização das mesmas. Percebemos também que os





discursos trazidos pelos jornais reforçavam os papéis de gênero, colocando a mulher como submissa e reduzindo seu papel à dona de casa, mãe e esposa. É possível confirmar essa hipótese ao analisar jornais da década de 1970 como foi feito por Larissa Vefago Dalmolin, que percebeu a questão de hierarquia entre os gêneros de forma explícita nas páginas do jornal O Estado e A Gazeta. Em sua análise, foi detectada grande distinção entre homens e mulheres por parte dos jornais, ficando perceptível o caráter de reafirmação dos papéis de gênero mesmo diante de novas mudanças no acesso ao trabalho remunerado e autonomia financeira da mulher.

3. O que os jornais indiciam

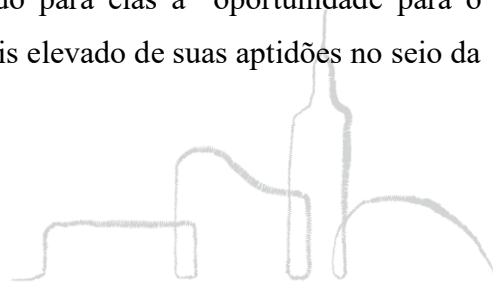
Ao longo das 144 matérias encontradas, foi contabilizado quatro categorias de abordagem das EPFF. A saber: **rotina da escola**, o que inclui matrículas e formaturas noticiadas num total de 31 ocorrências; informações sobre as **pessoas que trabalhavam** na escola uma quantidade semelhante, o total de 27; informações sobre **gastos, mudanças e reivindicações** somando 30; 11 menções **variadas** são encontradas entre envios de mensagens em nome da escola para autoridades locais ou citações em colunas de tom irônico, por exemplo. Por fim, sobre as **exposições**, um número mais significativo, com o total de 45 ocorrências. Devido o limite de páginas vamos nos dedicar a analisar apenas esse grupo.³

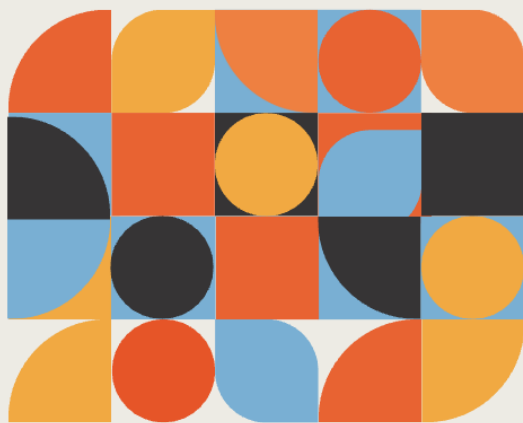
As exposições sempre foram foco de interesse do público e por isso, certamente, a insistência em falar a respeito delas. Os adjetivos utilizados se mantinham na categoria do belo, perfeito e caprichoso, e ao longo do tempo o espaço destinado a expressar o deslumbre foi diminuindo.

O relato assinado por M foi o primeiro encontrado, datando do ano de 1937. Nele o autor faz elogios aos trabalhos, às alunas e às profissionais, de forma sucinta, porém demonstrando seu encanto pelo resultado encontrado, o que ele coloca como indo “além das expectativas” (OE, 21/11/1937).

Nos relatos de Osvaldo Melo, é perceptível um olhar docilizado para os trabalhos desenvolvidos, como sendo fruto de um dom natural da mulher. Para ele, o papel da escola profissional para aquelas mulheres seria a de contribuir para “lares mais alegres e felizes” (OE, 27/11/1957) dando para elas a “oportunidade para o aproveitamento de seus apreciáveis dons artísticos e um conceito ainda mais elevado de suas aptidões no seio da

³ Também devido ao limite de páginas, não foi possível inserir imagens como sugerido a partir da avaliação.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

sociedade e da família de nossa terra” (Idem). Apesar disso, Melo traz detalhes acompanhados de diversos elogios para as alunas e professoras, parabenizando-as e dando mérito àquelas mulheres. É, por exemplo, a partir de sua coluna que podemos ter ideia de diversos nomes de quem compunha a instituição.

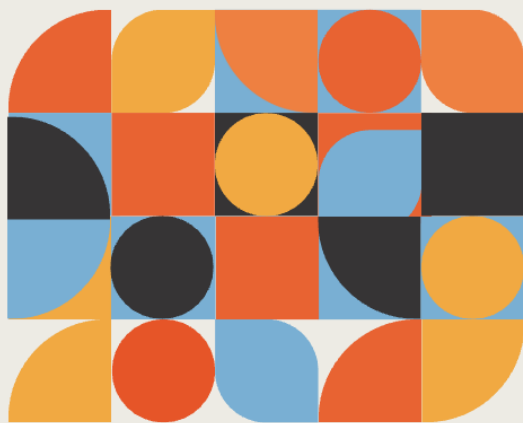
Já para Doralécio Soares, o que há é um grande deslumbre pelos trabalhos expostos, onde ele demonstra sua admiração pelas profissionais a partir de detalhes do que viu. De acordo com ele, aquelas exposições, que alcançavam um “extraordinário sucesso” (OE, 03/12/1959), mostravam bem sua utilidade no setor da economia doméstica. O “esmero e a perfeição” (Idem) dos chapéus vistos chegaram a ser comparados por ele aos de fabricantes especializados no ramo. Ele ainda afirma que “difícil é descrever a que altura de perfeição chegaram as executantes desses trabalhos que, guiadas por mestras que souberam transmitir as suas alunas este alto padrão de sentido artístico (sic)” (Idem). Doralécio Soares finaliza o primeiro de seus relatos cobrando investimento dos poderes públicos para a instituição com a justificativa de que as alunas mereciam lugar de destaque pela eficiência e alto padrão.

No entanto, isso foi encontrado apenas no primeiro relato. Ao comparar os três do mesmo autor, podemos ver uma diminuição no entusiasmo e no espaço dedicado a falar sobre a instituição. Todos são de anos seguidos, 1959, 1960 e 1961, e à medida em que o tempo passou, as linhas dedicadas para trazer detalhes dos artefatos produzidos diminuíram. O primeiro foi longo e repleto de detalhes e elogios, já o segundo, um terço da coluna foi dedicado a elogiar as artes expostas, enquanto o restante se preocupou em cobrar do governo mais investimentos na educação profissional masculina, pois era o que havia sido feito na feminina com a criação de seis novas instituições da EPF pelo estado. No terceiro, observa-se uma descrição breve da exposição, podendo ser entendido, a nível de comparação, como um terço do que foi apresentado no primeiro.

Ao analisar esses excertos, podemos observar o que Michelle Perrot afirma em “As mulheres ou o silêncio da história”:

[...] as profissões de mulheres, aquelas que se afirma serem “boas para uma mulher”, obedecem a certo número de critérios que também determinam limites. Consideradas como pouco monopolizadas, elas devem permitir que uma mulher realize bem a sua tarefa profissional (menor) e doméstica (primordial). (Perrot, 2005, p. 251)

Nesse sentido, a formação oferecida a elas era moldada por uma lógica que relacionava diretamente o trabalho com as responsabilidades domésticas, reiterando a ideia de que sua função primordial era a de dona de casa e mãe. Dessa forma, mesmo quando inseridas no mundo do trabalho, as mulheres continuavam subordinadas a um ideal de feminilidade. Podemos então perceber nas notícias e matérias jornalísticas



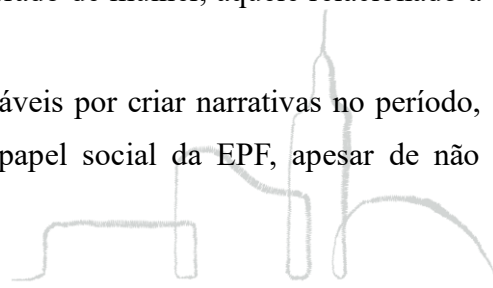
analisadas como os trabalhos realizados e os conhecimentos adquiridos na instituição eram reduzidos apenas aos seus aspectos plásticos e justificados como sendo um aperfeiçoamento do que as mulheres já nasceriam sabendo, portanto, as vozes masculinas que viram as exposições e outros eventos da EPFF não cogitavam que o ensino oferecido poderia ser um benéfico para a profissionalização feminina, possibilitando sua emancipação financeira e levando-a a outros papéis sociais além dos idealizados para a mulher naquela época.

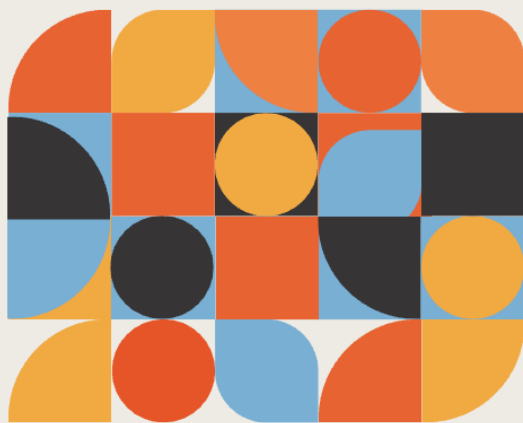
4. Considerações Finais

O objetivo central do presente estudo foi a analisar a forma como os jornais abriram espaço para abordar questões acerca da Escola Profissional Feminina da capital, e perceber como eram as narrativas criadas no período. Para isso, nos atemos a responder à questão central: *De que maneira os jornais compuseram narrativas sobre a Escola Profissional Feminina da capital e como essas representações podem ser interpretadas, levando em conta que nenhuma discursividade é desprovida de juízo de valor?* Como resultado, percebemos que o que era abordado nas páginas dos jornais sobre a EPF perpassava por uma perspectiva docilizada da função institucional e, sobretudo, dos trabalhos que ali eram feitos. Por isso a maior parte das notícias encontradas tratam das exposições, como meios de comprovar que as alunas permaneciam em seus papéis formais atrelados ao lar e à maternidade, mesmo que estudando para tais fins.

A escola não era pensada como local de emancipação feminina, ao ser descrita pelos jornais O Estado e A Gazeta, e pode-se perceber uma falta de seriedade ao trazer informações sobre a profissionalização oferecida. Seu papel era interpretado como o de formar donas de casa e aflorar os dons “naturais da mulher”, que permaneceria em seu local de mãe, esposa e educadora. Percebe-se então a euforia nos discursos quando se utiliza de adjetivos associados à beleza, à delicadeza e formosura encontradas nos trabalhos, sempre acompanhados da exaltação das mulheres que compunham a EPFF e de seus trabalhos. Porém, a disforia é perceptível quando analisamos como esses trabalhos eram vinculados diretamente ao dom natural da mulher, sem levar em consideração o caráter formador e emancipador da instituição, confirmando assim como esses autores viam a escola como lugar de desenvolvimento do trabalho considerado de mulher, aquele relacionado à costura, culinária, educação e afazeres domésticos.

No entanto, apesar de essa ser a visão da maior parte dos responsáveis por criar narrativas no período, não significa que a função da instituição tenha se limitado a isso. O papel social da EPF, apesar de não





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

explicitado nem levado em consideração pelos criadores de conteúdo dos jornais, foi de suma importância para quem compunha a instituição, criando um ambiente fértil para redes de apoio, trocas de saberes e fortalecimento da autonomia feminina. Aquelas mulheres encontraram local para resistir, para dialogar, para se empoderar e projetar outros futuros para si, o que contribuiu para transformar o papel social feminino na realidade florianopolitana.

Muitos outros textos temos a escrever a partir destes extratos jornalísticos, em especial, sobre a voz negra e feminina de Antonieta de Barros defendeu os interesses da educação feminina. Porém, isso será tema de outros textos e problematizações históricas.

Referências

DALMOLIN, Larissa Vefago. **As múltiplas vozes na mídia impressa em Florianópolis: mudanças nas sociabilidades durante o processo de urbanização na década de 1970.** 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

Hemeroteca Digital Catarinense. Florianópolis, SC. Disponível em: <https://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>.

LUCA, Tania Regina de. **Impressos periódicos e escrita da história: notas sobre o cenário atual.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 49, 2024.

PASSOS, Jackelyne Nogueira dos; SANT'ANNA, Mara Rúbia. **O ensino profissionalizante feminino em Florianópolis, de 1935 a 1983.** 32º Seminário de Iniciação Científica da UDESC, 2021. Disponível em: [O_ensino_profissionalizante_feminino_em_Florianopolis_de_1935_a_1983_16643877039881_15242.pdf](#). Acesso em 28/06/2025.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005. 519 p. (Coleção História).

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Aparência e poder: novas sociabilidades urbanas, em Florianópolis, de 1950-1970.** 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Fundamentos teóricos para o ensino da leitura.** Letras, Santa Maria, n. 2, dez. 1991.

